

VOLPI, NA SIMPLICIDADE DOS 90 ANOS

Ivo Zanini

Sem quebrar a rotina seguida rigorosamente há meio século (óbvio que agora em ritmo desacelerado) Alfredo Volpi chega aos 90 anos, que completará dia 14 próximo. Traduzindo: o mais conhecido pintor brasileiro vivo levanta cedo, fica algumas horas no ateliê esboçando algum novo quadro (quando tem disposição), fuma cigarrinho de palha (feito em casa), toma sopa acompanhada de meio copo de vinho. Ouve noticiário pela televisão ou rádio. E cama, antes das 10.

A aproximação da idade atingida (e depois superada) por Picasso ou Chagall, pouco lhe diz. Em verdade, ele ultimamente confidencia, para a filha Eugênia Maria (42 anos) e para alguns amigos, que vai completar 100 anos.

— É, todos pensam que vou fazer 90, mas eu sou do 86, estou chegando aos 100.

Fala com convicção. Seria mesmo? Fica a dúvida, porque não há registros oficiais da data centenária. O que consta é o seu nascimento em Lucca, Itália, em 1896, chegando ao Brasil 18 meses depois.

Afora esse episódio aleatório, Volpi mantém inalterada sua postura de homem simples, do simples viver. Nele ainda se concentram o arquétipo do ex-carpinteiro e ex-entalhador e o artista autodidata que, da pintura inicialmente próxima do academicismo, chegou a importantes prêmios como os obtidos na II Bienal de São Paulo ou na XXVI Bienal de Veneza. Recriou a composição, utilizando tintas (têmperas) por ele próprio elaboradas. Transformou cenas urbanas, paisagens e casarios em verdadeiros festivais de formas e cores, depurando ambas até atingir bandeirinhas, mastros e arcos em linguagem geométrica.

As numerosas exposições e participações em certames nacionais e internacionais, como as várias participações na Bienal de São Paulo, na XXVI, XXVII e XXXII Bienais de Veneza, além de prêmios como o "Governador" (em 1955, no IV Salão Paulista de Arte Moderna), de "Melhor Pintor Brasileiro" (em 1962, concedido pela Associação dos Críticos de Arte do Rio de Janeiro), de "Melhor Pintor Nacional" (em 1970, no Panorama de Arte Atual do MAM de São Paulo) ou ainda o da Fundação Guggenheim, nada alterou seu comportamento. Trabalho sério e pesquisas sempre nortearam sua produção.

Como afirma a crítica e historiadora Aracy Amaral, "aqui está um homem que conhece o seu ofício, Volpi é, por ofício, pintor. Artesão-artista, levou, às conseqüências mais extremas, sua dependência da arte que pratica para viver. E que vive, a pintura, em cada instante de sua vida, que é o tempo do seu trabalho". Ela acentua ainda: "Artista excepcional no panorama brasileiro, Volpi, contrariamente à grande maioria de nossos pintores, mantém seu nível qualitativo intocado, através dos anos. Não há em Volpi grandes períodos seguidos de vazios, como em seus contemporâneos".

O cronograma de produção do artista cedeu naturalmente um pouco nos últimos anos. Especialmente depois que se submeteu a cirurgia cardiológica, quando necessitou de um marca-passos. Desde então tornou-se mais cauteloso com a saúde. Um exemplo: quando lhe falamos de viagens, logo reage que não tem condições. Sobre o tempo de sua estadia fora de viagem aérea:

Ivo Zanini é jornalista.



— Agora tenho esta coisa no peito. No avião pode complicar, é.

Inútil esclarecer ao artista — como o faz pacientemente a filha Eugênia — de que o aparelho em nada prejudica o batimento do coração, antes o auxilia. Mas Volpi não quer saber de viajar nem de Boeing nem de automóvel.

— Prá que sair de casa? Aqui está bom. Tenho muito que fazer.

Quadros de suas primeiras fases estão pelas paredes da velha casa reformada da rua Gama Cerqueira, no Cambuci, onde a família vive há 44 anos. Nessas pinturas a comprovação da maturidade do artista desde os primórdios de seu trabalho profissional. Nos retratos, figuras, paisagens e marinhas a mão do pintor não titubeia. Sente-se que, com o avançar dos anos, a transformação/evolução seria fato irreversível. Em outros trabalhos, na base de fachadas, portas e janelas, a síntese do construtivismo que se aproxima. A textura ganha realce e força sensorial, enquanto as cores ficam mais definidas e marcantes, que acabariam por fixar a trajetória do artista.

O falecido crítico Paulo Mendes de Almeida escreveu: "Muito se escreveu, muito se disse sobre a obra singular de Alfredo Volpi. Quase sempre em termos de justificada exaltação, os maiores, os melhores nomes de nossa crítica especializada lhe têm conferido os mais significativos louvores. Mas, ainda há muito que escrever e dizer, sobre essa obra magistral, tão simples e ao mesmo tempo tão complexa".

Volpi não esconde que uma das coisas que mais detesta na vida é lidar com jornalistas, falar à imprensa. Acha complicado ter de explicar situações, datas, históricos. E depois não consegue captar direito as perguntas. Os ouvidos já não o ajudam. E quando são questões relacionadas a temas ou técnicas que utiliza, fica ainda mais intolerante:

— O quadro é para ser visto, sentido. É, querem explicação. Explicar o quê?

Na sua simplicidade, o pintor encara tudo sob o mesmo prisma. Alguns chegam a levar ao extremo essa conceituação plenamente configurada em sua obra, em especial a que enfeixa a produção digamos de teor impressionista. Mas já nessa época (década

de 40), Sérgio Milliet publicava no Diário Crítico (Editora Brasiliense), de 1944: "Fala-se muito na ingenuidade de Volpi, na sua inocência criadora. Não acredito nem numa nem noutra coisa. O que há nele, isso sim, é uma simplicidade clarividente, o que não exclui a espezteza técnica, mas o induz a aplicá-la em objetivos despreziosos. Outros que se atiram contra os problemas complexos do cubismo ou do surrealismo, bem mais ingênuo se revelam, na realidade. Ou safados".

Brincando uma vez ou outra com as netas — Patrícia (de 12 anos) e Mônica (de 10) — Volpi distrai-se por alguns momentos. Como fica cada vez menos no ateliê, aproveita para algumas caminhadas, a passos lentos, pelas ruas próximas da casa. Programa de televisão ou é para informar-se sobre o que acontece aqui e no mundo, "ou para dar risada com o Sílvio Santos ou com o Chacrinha". Gosta quando os amigos vão à sua casa, especialmente artistas que entendem e respeitam seu modo de viver.

— Bom, muita conversa também me cansa, exclama o artista que praticamente deixou de frequentar museus e galerias nos últimos anos, em razão do desinteresse, de não aguentar mais "papo furado".

Em novembro de 1972, quando se fez uma retrospectiva no MAM do Rio, Aracy Amaral no texto de introdução do catálogo cita antigo depoimento de Luís Martins, que fez este perfil do artista (válido ainda hoje): "Ele é modesto, tímido, não sabe dar palpites, não frequenta lugares onde os mais sabidos brilham. Porque ele não expõe, ou quando o faz é apenas nas mostras coletivas. Porque ele não sabe procurar os jornalistas e nem tem jeito para se insinuar entre os críticos de arte. Porque ele não possui nenhum brilho pessoal e assiste às intermináveis discussões de café com um ar quietarado e aparentemente sem importância. Porque ele, sabendo falar o italiano e o português, sabe melhor se calar nessas duas línguas".

Para Volpi, um dos bons momentos da sua vida de artista foi quando atuou no Grupo Santa Helena, na década de 1940. Juntamente com Bonadei, Rebolo, Mário Zanini, Rizzotti e Manoel Martins (já falecidos), e Graciano e Pennachi (o primeiro com 79 anos e o outro já na casa dos 80) captou

centenas de esboços de velhos bairros paulistanos, depois transferidos para telas definitivas. "A gente tinha muito entusiasmo, pintava sem parar nas praças, nas ruas e nos ateliês do prédio que ficava na praça da Sé", diz.

Também vibrou muito com a viagem pela Itália, em 1950, acompanhado de Zanini e Paulo Rossi Osir. Durante os seis meses que lá permaneceu tornou-se apaixonado devorador da obra de Giotto, absorvendo com invulgar interesse toda a produção do grande artista. Seus olhos não se cansavam de olhar e reolhar, em seguidos deslocamentos a Pádua, os trabalhos de Giotto na capela de Scrovegni.

E dos artistas que mantém fortes laços de amizade com Volpi, freqüentando sua casa com certa assiduidade, está o pintor construtivista Hermelindo Fiaminghi. Ele ressalta a salutar vivência profissional com Volpi, de quem aprendeu a técnica da têmpera em fins da década de 1950.

Menciona a rigorosa conduta pessoal do artista nonagenário, reconstruindo este episódio: em 1960 Volpi havia assumido compromisso de expor na antiga galeria São Luís, no centro. Pouco antes apareceram em sua casa dois "marchands" do Rio e propuseram comprar todos os quadros, que já estavam separados para a mostra, por uma alta quantia. Volpi simplesmente retrucou:

— E o que eu faço com tanto dinheiro de uma vez só?

Sugeriu: "Se vocês quiserem, comprem lá na galeria" (Nessa exposição ele só conseguiu vender uma pintura). Os dois "marchands" retornaram dias depois e fizeram nova proposta, de pagar-lhe um fixo por mês, mediante a entrega de duas obras nesse espaço de 30 dias, justificando que assim Volpi teria garantida uma sobrevivência tranqüila.

O artista das bandeirinhas recusou e ainda desabafou:

— Nunca precisei de garantia. E não vou fazer nada obrigado por causa de dinheiro.

Noutro episódio, Fiaminghi conta que, se Volpi sempre tomou vinho, jamais abusou da bebida. E recorda: "Lá por 1958, a escultora Lygia Clark veio a São Paulo e nós a levamos até a casa do Volpi. De lá combinamos ir a uma cantina na 13 de Maio. O Waldemar Cordeiro (artista concretista já falecido) foi junto. Então a Lygia e o Cordeiro resolveram fazer um 'vira-vira' de vinho. O Volpi olhava para a gente e dizia:

— Já, já um dos dois vai cair."

Em menos de 20 minutos, acrescenta Fiaminghi, o Cordeiro caiu de costas. "Tive de levá-lo para o hospital, enquanto a Lygia ia para o hotel. E o Volpi:

— É, eles não tem juízo. Vinho é coisa sagrada. Não é para fazer 'vira-vira'..."

Outro artista que freqüenta o ateliê de Volpi é Arcângelo Ianelli, que faz este retrato do velho pintor: "Ao longo de minhas relações com Volpi, diria que é uma figura humana excepcional. De uma grande bondade, simplicidade e autenticidade. Tem uma filosofia própria, inteligente, despreziosa e transforma as coisas complexas da vida nas coisas mais puras e singelas. É o próprio retrato de uma vivência e da sua própria razão de ser. Um pintor autêntico, extraordinário, um colorista sem artifícios. É sem dúvida uma personalidade marcante".

Símbolo da pintura brasileira atual, Volpi representa também a rebeldia (saúdavel) do artista inconformado em ater-se a um estilo padronizado na arte. E isso poucos conseguem.